

Organizadoras(es):

Eliana Ayoub

Guilherme do Val Toledo Prado

Elaine Prodócimo

Pedro da Cunha Pinto Neto

**PIBID e RP Unicamp:
tempos de re-existências
e re-invenções frente à
pandemia da Covid-19**

**COLEÇÃO: FORMAÇÃO
DOCENTE EM DIÁLOGO**

VOLUME 8

Editora FE-Unicamp

Organizadoras(es):

Eliana Ayoub

Guilherme do Val Toledo Prado

Elaine Prodócimo

Pedro da Cunha Pinto Neto

PIBID e RP Unicamp: tempos de re-existências e re-invenções frente à pandemia da Covid-19

**COLEÇÃO: FORMAÇÃO
DOCENTE EM DIÁLOGO**

VOLUME 8

Editora FE-Unicamp
Campinas, 2023

FICHA TÉCNICA

Creative Commons **CC-BY**

TIRAGEM: **e-book**

Organização: Eliana Ayoub, Guilherme do Val Toledo Prado, Elaine Prodócimo, Pedro da Cunha Pinto Neto

Revisão textual e normalização bibliográfica: Eliana Ayoub

Publicações | Biblioteca | Faculdade de Educação – Unicamp

Supervisão: Roberta Pozzuto

Diagramação Final (miolo e capa):
Paloma V. Solha

EDITORA FE – UNICAMP

Série Editorial: *Pesquisa*

CONSELHO EDITORIAL

Prof. Dr. Alexandro Henrique Paixão
(Diretor Associado FE/Unicamp)

Profa. Dra. Helena Sampaio (FE/Unicamp)

Profa. Dra. Maria Inês F. Petrucci S. Rosa
(Editora Chefe - FE/Unicamp)

Prof. Dr. Nelson Schapochnik (FE/USP)

Roberta R. Fiolo Pozzuto (Publicações FE/Unicamp)

Prof. Dr. Roberto Nardi (FC/Unesp)

Simone Lucas G. Oliveira (Diretora Biblioteca FE/Unicamp)

Prof. Dr. Walter Omar Kohan (CEH/UERJ)

FICHA CATALOGRÁFICA

Catálogo na publicação

Elaborada por Simone L. G. de Oliveira - CRB-8 n. 8144

P579 PIBID e RP Unicamp: tempos de re-existências e re-invenções frente à pandemia da Covid-19 [recurso online] / organizadores: Eliana Ayoub, Guilherme do Val Toledo Prado, Elaine Prodócimo, Pedro da Cunha Pinto Neto. -- Campinas, SP: FE/Unicamp, 2023. E-book (296 p.). – (Formação Docente em Diálogo, v. 8).

Série editorial: Pesquisas.
ISBN: 978-65-87175-44-7

1. Iniciação à docência. 2. Residência pedagógica. 3. Covid-19 - Educação. I. Ayoub, Eliana. II. Prado, Guilherme do Val Toledo. III. Prodócimo, Elaine. IV. Título.

20ª CDD – 370.71

A EDUCAÇÃO FÍSICA E O PIBID: OUTRAS POSSIBILIDADES FORMATIVAS

Mário Luiz Ferrari Nunes
Coordenador de área do subprojeto Educação Física do Pibid Unicamp
Jaqueline de Meira Bisse
Supervisora do subprojeto Educação Física do Pibid Unicamp

INTRODUÇÃO

Desde os anos 1990, diversos autores tais como Tomaz Tadeu Silva, Pablo Gentili, Alfredo Veiga-Neto entre tantos, têm alertado para os impactos que a ascensão da arte neoliberal de governo das populações produz sobre a área da Educação. Dentre eles, potencializaram-se críticas à escola, em um primeiro momento, e à formação docente, no segundo, engendrando discursos contundentes que colocaram às finalidades e resultados da Educação e seus agentes sob suspeita. Sem adentrar nessa seara largamente discutida, partimos dela para reforçar que não é de hoje que diversas críticas são lançadas contra a formação docente que ocorre nos cursos de Licenciatura. Fundamentadas ou não, elas produzem os mais diversos efeitos, desde a proliferação de cursos de capacitação docente das mais diversas ordens com finalidades distintas e distantes entre si, que mais contribuíram para o mercado educacional do que para a formação docente, até a promoção de políticas públicas que buscam estabelecer diálogos entre as agências de formação (escola, universidade, redes e secretarias de ensino) e os agentes da Educação: comunidade educativa (discentes, funcionários técnico-administrativos, da manutenção, familiares etc.), professores da educação básica e superior, tendo em vista a construção de melhores condições para a consecução do projeto educacional que cada localidade vislumbra.

É nesse quadro social, histórico e político que o Pibid, enquanto política pública formativa, emerge em 2007 e é abraçado pela Unicamp no edital de 2009. Não obstante, a área da Educação Física (EF) tem contribuído para que essa empreitada logre sucesso, em processo contínuo e colaborativo com outras Licenciaturas da universidade e, claro, com as escolas parceiras. Destaca-se que com o Pibid, a EF, assim como as demais disciplinas, permite maior carga horária para que os bolsistas vivenciem o cotidiano escolar, complementando as horas relativas aos estágios obrigatórios e, com isso, aprofundando e vivenciando os saberes acerca dos processos de escolarização.

A EF tem histórica presença na escolarização básica desde o momento em que essa foi organizada como um sistema nacional de ensino, na Europa do final do século XVIII. Desde então, a educação do corpo foi alvo de disputas por sentido. Essas lutas compõem a história da EF e se expressam nos seus currículos ao longo do tempo: ginástico, esportivista, psicomotor, desenvolvimentista, saúde renovada, crítico-superador, crítico-emancipatório, pós-crítico ou cultural (NEIRA; NUNES, 2006). No atual momento, a EF que ocorre nas escolas toma por objeto de estudo a cultura corporal (BRACHT, 1999) - o conjunto de práticas sistematizadas e organizadas na forma de esporte, ginástica, dança, lutas e brincadeiras e aquelas ainda não classificadas ou que escapam a qualquer tentativa de classificação, como a capoeira, as artes circenses entre outras. Em que pese esse objeto ser consenso e compor majoritariamente os programas curriculares oficiais da União, estados e municípios, o trato pedagógico, isto é, os objetivos, as formas de seleção, organização e promoção das atividades, bem como suas práticas avaliativas variam conforme a perspectiva curricular de EF adotada, bem como da tradução que os docentes fazem a respeito no chão da escola. Em geral, a EF visa possibilitar aos estudantes da educação básica experimentar, conhecer e apreciar essas diferentes práticas corporais, compreendendo-as como produções culturais dinâmicas, diversificadas e com finalidades distintas.

O subprojeto Educação Física do Pibid amplia essas metas e, coerente com a perspectiva do currículo cultural (CC) da EF, introduz a leitura dos códigos e linguagens que compõem as práticas corporais, objetivando a compreensão dos modos de regulação que as fazem funcionar, produzem sentido, criam representações e fronteiras simbólicas entre participantes, apreciadores e desafetos de modo a marcar identidades e formas de pertencimento e exclusões. Mas, isso não é tudo. Não basta vivenciar, compreender. É preciso atuar nessas práticas de modo a afirmar a diferença, tomada aqui no seu sentido pós-estruturalista. Afirmar a diferença é estar aberto ao inédito, à mudança. Nega, portanto, a fixação de identidades naturalizadas, predeterminadas e para sempre das práticas e dos praticantes. É perceber a impossibilidade de uma essência do ser e das coisas. É questionar para dissolver as formas de regulação cultural que se pautam em relações abusivas de poder. Afirmar a diferença implica desenvolver experiências curriculares que permitam aos sujeitos da educação, num primeiro momento, a compreensão das relações de poder imanentes às práticas da cultura corporal, bem como os ecos de tais disputas na cultura e, secundariamente, a produção de outras formas de pensar, ver, fazer e dizer sobre as práticas, praticantes e a si mesmo, pois todos estão envolvidos por relações de poder, regimes de verdade, práticas discursivas e são constituídos por eles.

Essa forma de perspectivar a EF tem história, motivações. Desde o final do segundo pós-guerra, dos movimentos pós-coloniais e da expansão tecnológica da globalização (HALL, 2003), movimentos sociais minoritários constituídos por ativistas negros, jovens, mulheres, LGBT+¹, idosos, imigrantes, migrantes, indígenas, entre tantos, lutam por direitos sociais, contra os cânones dominantes e a tentativa de imposição cultural. Dessas lutas, emergem políticas públicas multilaterais como a Declaração de Salamanca e a Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural

¹ Sabemos da dificuldade do uso do termo. Aqui não nos cabe adentrar na temática. Explicamos que adotamos essa escrita por ser a mais recorrente no debate e coerente ao que propomos.

e, em termos locais, os Estatutos da Criança e do Adolescente, do Idoso, da Juventude; Lei Maria da Penha; a Lei nº 10.639/2003, que obriga a inclusão no currículo do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena, e diversas leis que garantem os direitos dos representantes desses grupos. Lutas essas que não cessam!

Se, de um lado, essa demanda gerou o discurso das práticas inclusivas na escola, de outro, na formação inicial de professores essa discussão é quase nula. Na EF, em particular, pode-se notar algumas tímidas mudanças nos currículos da formação inicial, o que confere alto grau de incertezas para os egressos oriundos dessa formação. Pelo seu caráter obrigatório, a escola é caracterizada pelo seu aspecto multicultural, logo por sujeitos que buscam construir coisas em comum e, ao mesmo tempo, lutam pelo reconhecimento das suas representações e práticas sociais, que constituem sua identidade cultural. Pensar em reconhecimento implica a possibilidade de compreender modos de ser, agir e pensar que diferem dos padrões comumente valorizados pela escola. Por outro lado, o reconhecimento também produz embates afirmativos, que muitas vezes descambam para a violência simbólica e física, estabelecendo guetos culturais e formas de exclusão. Não por menos, vivemos um momento histórico que expressa essa questão na política e na vida pública brasileira, logo, na escola, com a exacerbação da tirania e combate às instituições e àqueles que buscam democratizar os direitos e permitir condições dignas de existência para toda a população.

Decorre dessa condição a necessidade da escola desenvolver um currículo que priorize a heterogeneidade dos conhecimentos e a diferença, a fim de não fazer valer uma forma específica de vida, mas tomar a vida sempre como potência, possibilidade. Para isso, consideramos importante para os bolsistas terem um intenso contato com a escola, estudantes, professores, direção e a mais variada gama de membros da comunidade educativa, compreendendo suas características, dificuldades, conflitos, desafios, possibilidades pedagógicas entre outros aspectos.

Em face dessa condição, as práticas da cultura corporal e seus artefatos, tomados como textos que produzem e comunicam significados sempre em disputa, constituem-se em elementos das ações didáticas que são desenvolvidas junto aos alunos da educação básica, tendo em vista a constituição de uma sociedade mais equânime. O texto que segue busca apresentar algumas das ações que foram desenvolvidas no Pibid Educação Física - 2020/2021, marcadas pelas dificuldades geradas pelo ineditismo da situação vivida por todos nós, docentes e discentes: a pandemia e as aulas em modalidades remotas e híbridas. Mais! Não podemos deixar de lado as limitações do Pibid - 2020, devido ao acesso às tecnologias digitais por parte dos estudantes da escola campo, dado que 39% dos alunos da rede pública brasileira não possuem computador ou *tablet* em casa (CETIC, 2019). A pandemia da COVID-19 mudou o significado do Pibid, do que entendemos por acesso à educação, da relação professor-aluno, até da própria Educação Física, aumentando a relevância do que foi feito.

Para dar conta dessa empreitada, mobilizamos os bolsistas na organização, execução e avaliação de atividades de ensino que problematizassem os discursos produzidos sobre as práticas da cultura corporal e seus artefatos no transcorrer da história, tomando como ponto de partida e de chegada o seu potencial para crítica dos processos de normatização, que alijam muitas crianças e culturas do direito à afirmação da diferença. Além disso, tencionamos potencializar o trabalho colaborativo entre a professora supervisora e os alunos do Pibid, como também entre os alunos da escola, a fim de consolidar ações didáticas que possibilitassem uma experiência de si significativa. As diversas experiências pedagógicas propostas foram alinhadas aos pressupostos do direito à educação, à afirmação da diferença e ao projeto pedagógico da escola EMEFEI Padre Francisco Silva², a fim de encontrar soluções locais frente aos desafios encontrados nas salas de aula diante da presença

² A EMEFEI Padre Francisco Silva é uma das oito escolas de Educação Integral da rede de Campina e se caracteriza pela forte atuação em parceria com a comunidade que a constitui.

de representantes de grupos culturais antes ausentes da educação básica ou não reconhecidos por ela.

AS CONDIÇÕES DO TRABALHO

Os encontros de formação se pautaram no estudo da linguagem corporal permeados pela discussão a respeito da importância das danças, lutas, esportes, jogos etc. e seus artefatos como prática cultural que produz formas de afiliação e identidades, além de estudos sobre a questão da diferença. A fim de entendermos melhor o que se estava a fazer, focamos também em análises de outras teorias pedagógicas da Educação Física para fornecer elementos teóricos para a promoção de ações didáticas que permitissem a tematização das práticas corporais alinhadas a este subprojeto.

Os primeiros encontros com os bolsistas trataram concomitantemente de dois pontos: o objetivo do Pibid e o reconhecimento da escola e das suas condições frente aos desafios provocados pela pandemia, que dariam os limites do trabalho a ser realizado. Destaco aqui o cuidado da professora Jaqueline de Meira Bisse, supervisora do subprojeto, em apresentar essas condições e mobilizar os estudantes a atuar com afinco e responsabilidade nesse cenário.

Como informou a professora Jaqueline, a escola buscava atender a Resolução da Secretaria Municipal de Educação (SME) de Campinas, a fim de propor a criação de atividades mitigadoras para os/as alunos/as a serem realizadas pela plataforma Google Sala de Aula e reuniões de trabalho virtuais pelo Google *Hangouts Meet*. Diante das orientações da SME, a EMEFEI Padre Francisco Silva procurou construir um trabalho pedagógico atrelado ao contexto da pandemia e preocupada com a garantia dos direitos das crianças de acesso à Educação.

A Prefeitura de Campinas informara à época que mobilizaria esforços para disponibilizar equipamentos tecnológicos e internet 4G a todos os/as estudantes e docentes do Ensino Fundamental, o que contribuiria para a igualdade de condições

de acesso. No entanto, ainda em abril de 2020, a escola foi informada que os/as estudantes não receberiam mais os equipamentos para acesso à plataforma digital.

O acesso dos alunos/as à plataforma Google Sala de Aula era em torno de um quinto dos/as estudantes da escola. Considerando o atendimento ao direito de igualdade de condições de acesso de todas as crianças aos materiais a serem disponibilizados na plataforma digital, os docentes da EMEFEI Padre Silva organizaram seus trabalhos. O quadro se agravava, pois algumas famílias procuravam informações sobre cestas básicas, escancarando mais ainda a necessidade emergencial das crianças. Ciente dessa situação, a escola organizou também uma Rede de Proteção que permitiu realizar de fato uma concepção de educação integral, visando garantir às crianças o direito à alimentação. Como nem todas as famílias foram atendidas nas suas necessidades vitais, a escola fez contato com as famílias, produzindo campanhas de arrecadação e distribuição de produtos de higiene, limpeza e alimentação.

Em outro momento, os bolsistas puderam acessar e discutir o contexto em que se encontrava a EMEFEI Padre Francisco Silva para, em seguida, conhecerem o Projeto Educativo elaborado para o contexto de pandemia e distanciamento social. É de bom tom relatar que ao iniciarmos os trabalhos a equipe gestora e os/as docentes da escola, bem como boa parte dos alunos já estavam familiarizados com os modos de aula suscitados, seja pelos usos da plataforma Google Sala de Aula, seja pelas várias ações de organização do trabalho remoto e alternativas desenvolvidas tanto com as crianças como entre os docentes. Em que pese o cenário desfavorável para todos, entendemos que esse quadro muito colaborou para com o processo formativo dos bolsistas.

OS ACONTECIMENTOS

1) A dança no Tik Tok

Ao adentrarem as aulas em meados de outubro de 2020, os bolsistas se encantaram com as movimentações das crianças no modelo de aula remota, que, ao contrário do que estavam a vivenciar nas aulas da faculdade no transcorrer da pandemia, ocorria muita participação. Algo que, no entanto, não se manteve por longo período, sendo mais visível nas séries mais adiantadas na escolarização.

Como parte do trabalho pedagógico da EF, os bolsistas participaram ativamente das ações de mapeamento dos saberes discentes realizadas mediante vivências diversas, elaboradas e solicitadas pela professora Jaqueline e os bolsistas. As análises das atividades ajudaram a traçar uma cartografia entre vários territórios, como: os saberes dos alunos, os códigos e linguagens das práticas corporais presentes no universo cultural das crianças, as conjunturas das aulas - delimitadas pela atividade remota e pelas condições de acesso e de execução por parte dos discentes. Como um mapa nunca se fecha, está sempre sendo redesenhado, suas linhas se conectaram com outros territórios, a saber: o tema da escola, com foco na vida saudável frente às adversidades do período, em um movimento constante de reterritorialização. Com base nas epistemologias do CC, dentre elas as filosofias da diferença, buscou-se na noção de grande saúde, de Friedrich Nietzsche (2012), outras formas de pensar a saúde na prática pedagógica. Tratam-se de cinco ideias para o homem superar a si mesmo diante dos limites dados pela cultura. Para o filósofo alemão, acima de tudo, deve-se fugir de todas as interpretações negativas que nos cercam. Propõe que cada um deve ser senhor de sua grande saúde e para isso deve-se: 1) explorar o maior número de vivências para 2) estar sempre atento ao próprio estado em que se encontra para 3) conhecer a si próprio, 4) cuidar de si e 5) exercitar-se nessa arte. Nada mais apropriado para enfrentar a dureza da vida, ainda mais em tempos pandêmicos.

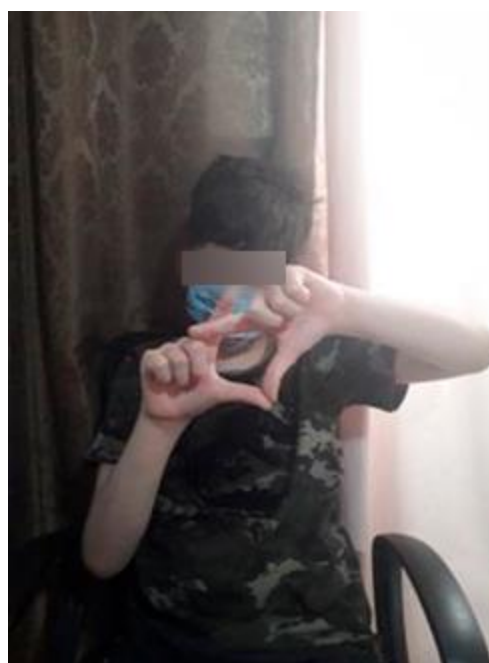
Nas linhas traçadas pelo mapeamento inicial, observamos o acesso de alguns alunos ao aplicativo *Tik Tok*, do qual extraíam danças diversas para prática. Em que pese muitas crianças não praticarem nenhuma dança, outras dançam o samba, algumas danças produzidas no movimento cultural Hip Hop e o balé. Deu-se início à tematização das danças urbanas, visto que parte delas compunham as redes sociais desse aplicativo, que diante de um trabalho sistematizado poderiam contribuir com as intenções da escola. Compôs a produção do mapa, os efeitos produzidos pelas várias problematizações suscitadas pelas atividades de vivência, leitura da gestualidade, ampliação e registros das várias situações didáticas.

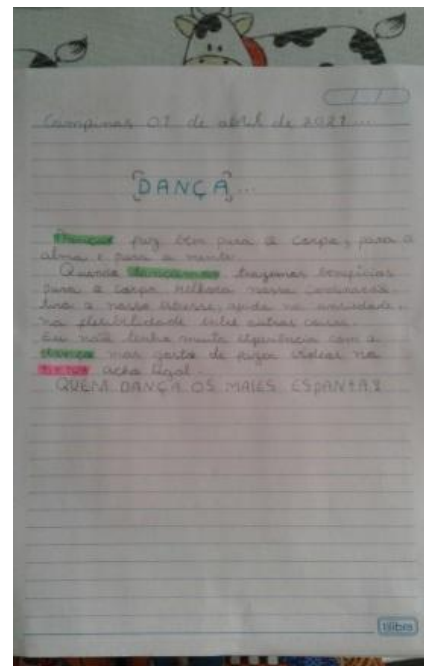
A fim de evitar o daltonismo cultural, isto é, promover ações em que as singularidades sejam valorizadas, a fim de se compreender que cada uma delas confere experiências de si únicas, logo que não devem ser tratadas, tampouco realizadas da mesma maneira por todos (NEIRA; NUNES, 2009), os alunos fizeram atividades diversas, conforme as possibilidades e saberes de cada um. As tarefas foram encaminhadas por meio de encontros virtuais no *Google Meet* e comunicados escritos por plataforma *Google Sala de Aula*. Os alunos as realizavam de forma assíncrona e as devolviam por meio de textos, desenhos, fotografias e vídeos, sendo que em alguns desses continham a apresentação da própria criança dançando. A professora as comentava e partilhava com as demais.

Teve aluno que pesquisou os movimentos de várias danças urbanas e apresentou para a turma como: *popping, breaking, vogue, tutting, locking, house dance, waacking*. Outro relatou sobre a *Finger Tutting Dance*, que se caracteriza por gestos feitos com as mãos, teve inspiração na arte do Egito Antigo, foi desenvolvida nos Estados Unidos e compõe a diversidade das danças urbanas. Aprenderam também que o termo "danças urbanas" e o termo "dança de rua" estão em disputa, e, nessa, há quem defenda que o termo "dança de rua" além de produzir preconceitos, estigmatizar sujeitos, não congregava as danças que são feitas em outros espaços da cidade como academias, salões. Informaram que um dançarino, chamado Storm, propôs a mudança, a fim de veicular a prática em escolas,

competições e festivais. Atividade que indicou o caráter disputado da cultura e o modo como o embate discursivo pode produzir representações positivas ou negativas das práticas e dos sujeitos.

Essas atividades contribuíram para que as crianças enunciassem seus aprendizados, como: existem danças diferentes; são expressões de modos de vida; qualquer movimento pode compor a gestualidade; é possível inventar movimentos com todo o corpo; dançar faz bem e produz boas sensações. Incentivados a praticarem em casa e questionados em outros momentos acerca das suas percepções, relataram sentimentos diversos, tais como: felicidade, diversão, entusiasmo, vergonha, mas teve, também, quem achou chato e quem não quis dançar nada. Alguns relataram que ao dançar é possível se divertir, sentir-se leve, livre, confusa, com o coração "batendo forte". Nessas ocasiões, os alunos foram convidados a tentarem entender porque os sentimentos eram variados, diferentes para muitos e porque eles ocorriam de tal maneira.





2) O Samba

O ano de 2021 iniciou-se com muitas incertezas, pois a data de retorno das atividades presenciais nas escolas da Rede Municipal de Ensino de Campinas foi postergada para o início de março, devido à aceleração da pandemia. No início do ano letivo, divulgamos o horário das atividades da escola. Os bolsistas mantiveram-se: envolvidos nas ações formativas com o coordenador e a supervisora, mantidas por encontros semanais, conforme a agenda de início do programa; presentes nas

reuniões de trabalho docente na escola, inclusive nas ações docentes dadas por ações da SME para o retorno às aulas e combate à pandemia; participaram de reuniões da associação de amigos da escola, bem como da eleição dos conselhos de escola e vivenciaram um momento de luto na escola, trazendo para perto de si a realidade do cotidiano das escolas e da vida, que não são tratadas na graduação. As aulas remotas novamente ocorreram pelo *Google Meet*, uma vez por semana, com 30 minutos de duração, nas quais os alunos desenvolveram atividades síncronas com a docente, e outras, de maneira assíncrona via *Google* sala de aula. As condições de acesso dos alunos mantiveram-se problemáticas, ora pela falta de equipamentos, ora pelo acesso limitado à internet.



O foco do trabalho formativo variou entre o estudo da instituição escola, docência e discência, mediante a leitura do livro *Em defesa da escola: uma questão pública* (MASCHELEIN; SIMONS, 2013) e atividades com foco na aprendizagem da leitura de códigos de comunicação das práticas corporais e da compreensão das práticas discursivas que as produzem e regulam mediante a estudos de textos afins e como essas leituras poderiam compor situações didáticas.

O trabalho pedagógico foi realizado mediante a tematização do samba, visto a presença de uma escola de samba no entorno da Padre Silva, que tem forte influência social, cultural e política no bairro. Entendeu-se, também, que essa opção contribuiria para o estudo do tema trabalhado pela escola: "Cultura, Identidade e Lugar" - constituinte do seu Projeto Pedagógico.

Para tanto, o trabalho foi fomentar ações para o reconhecimento do samba como manifestação imaterial da cultura brasileira, permitindo experimentações corporais por meio da dança, canto e batuques, além da compreensão de seus diferentes tipos, como o partido alto e pagode, conhecer alguns de seus representantes e outros aspectos. Ao ampliar, aprofundar e ressignificar os saberes relacionados à cultura geral e corporal, os estudantes puderam compreender a construção de si mesmo e de sua cultura.

As aulas tiveram como primeiro passo o mapeamento dos saberes dos alunos e de suas vivências a respeito do samba através de diversas leituras feitas pelos discentes do material disposto pelos bolsistas. Uma das atividades foi realizada por meio de um questionário.

Formulário utilizado para o mapeamento dos saberes dos alunos:

 <p>QUE MOVIMENTO É ESSE? OBJETIVO: MAPEAR OS SABERES SOBRE O SAMBA</p> <p>jaqueline.bisse@educa.campinas.sp.gov.br Alternar conta</p> <p>A foto e o nome associados à sua Conta do Google serão registrados quando você fizer upload de arquivos e enviar este formulário. Seu e-mail não faz parte da resposta.</p> <p>*Obrigatório</p>	<p>https://docs.google.com/forms/d/1yzzfz5xKK6RM-MT9F_-XczqF5ydM_kXNQPxOL-u4oL8/viewform?edit_requested=true</p>
 <p>SAMBA - QUE RITMO É ESSE? OBJETIVOS: Conhecer e identificar os instrumentos mais utilizados no samba; aprender a dançar samba no pé; conhecer pessoas importantes da história do samba da nossa cidade.</p> <p>jaqueline.bisse@educa.campinas.sp.gov.br Alternar conta</p> <p>A foto e o nome associados à sua Conta do Google serão registrados quando você fizer upload de arquivos e enviar este formulário. Seu e-mail não faz parte da resposta.</p> <p>*Obrigatório</p>	<p>https://docs.google.com/forms/d/1zrao4JHwwlSmSOrfQRLsuc20sSNGU6YE5NujPHfofR0/viewform?edit_requested=true</p>

Notou-se que os alunos manifestaram interesse, principalmente, em sambar, aprender a tocar pandeiro, surdo, agogô, ganzá e cavaquinho, bem como entrevistar os principais sambistas da região. As atividades envolveram a criação de instrumentos caseiros do samba, utilizando-se de utensílios domésticos, como a caixa de fósforos para representar o ganzá, o bатуque na panela e baldes com as colheres, representando o tamborim e o surdo. Suas criações permitiram a prática do samba (expressados pelo bатуque e pela dança), levando os ensinamentos da aula e o despertar da curiosidade para o dia a dia dos alunos. Não por menos, as personagens da porta-bandeira e do mestre-sala causaram curiosidades na turma. A tia de uma das estudantes havia sido porta-bandeira da escola de samba do bairro – a G.R.E.S Rosa de Prata. Esse fato suscitou a ideia de rever uma entrevista

realizada com a mesma, bem como vídeos dos desfiles da escola de samba nos desfiles de carnaval da cidade. A partir da observação dos vídeos e da entrevista, percebemos que a porta-bandeira e o mestre-sala possuem uma movimentação específica na relação entre si e com a bandeira. Assim, diferentes práticas foram realizadas: confecção de bandeiras, observação do vestuário, estudo dos passos do mestre-sala, do giro da porta-bandeira, criação de jogos virtuais, associando mestres-salas e porta-bandeiras às diferentes escolas de samba referenciadas por estudantes. Ademais, seguimos com os estudos sobre outros aspectos do samba.

Apresentou-se aos alunos personalidades e músicas renomadas do samba e pagode no Brasil, como Nelson Sargento, com a obra “Agoniza, mas não morre” e “Jéssica”, de Biro do Cavaco. Por meio dessas, indagou-se a questão sobre esses estilos musicais. Por meio da exibição de vídeos com as diferenciações de ritmo, canto e toque, promoveu-se um aprofundamento nas condições de existência do samba, estimulando, também, a produção das expressões corporais. As aulas proporcionaram aos alunos uma imersão no samba, de modo que conheceram instrumentos, sambistas, sua condição de emergência na história, prática (dança e batuque) e algumas variações do gênero, além de colaborarem para a percepção do samba como manifestação imaterial cultural brasileira.

O SEGUNDO SEMESTRE - ABRIR-SE PARA O MUNDO, VOLTA-SE PARA SI, COMPREENDER O OUTRO

Iniciamos o semestre, de forma presencial e virtual. Seguindo as orientações da Secretaria Municipal de Educação (SME) e do Departamento de Vigilância Sanitária (DEVISA), o atendimento diário de estudantes presencialmente na escola foi ampliado de 25% para 50%, continuando a ser facultativo. Assim, dois grupos de estudantes revezaram-se semanalmente entre escola e atividades remotas, enquanto outro grupo permaneceu apenas em atividades remotas via encontros virtuais e propostas na Plataforma *Google Sala de Aula*. O grupo de bolsistas Pibid

seguiu acompanhando as propostas remotas, que dialogaram com as propostas ocorridas no modo presencial.

O primeiro movimento foi o de acolhimento, ambientação dos alunos à nova realidade escolar com os protocolos sanitários necessários à prevenção da covid-19 e atividades de interação para a retomada dos vínculos afetivos, emocionais e pedagógicos. O segundo movimento foi rememorar as propostas de estudo do primeiro semestre, avaliando com os estudantes temas e atividades adotadas na produção e encaminhamento das mesmas. A partir dessa avaliação, considerando também a ocorrência de um evento aguçado na curiosidade dos estudantes e reconhecido mundialmente, iniciamos a tematização sobre os Jogos Olímpicos de Tóquio e a sua relação com as práticas corporais do território da escola.

Dentre os objetivos dessa proposta e fomentados os estudos dos códigos e linguagens dos Jogos Olímpicos, destacamos: reconhecer os saberes dos estudantes sobre os jogos olímpicos; ampliar os conhecimentos acerca desse evento; conhecer atletas do Brasil que participarão dos Jogos Olímpicos de Tóquio; vivenciar a gestualidade própria de algumas das modalidades olímpicas; conhecer, experimentar, representar e recriar os pictogramas esportivos criados para os Jogos Olímpicos e Paralímpicos de Tóquio através da representação gestual; compreender o significado e origem dos Pictogramas esportivos.

Nesta experiência de estudo, considerando as identidades culturais e singularidades dos estudantes em uma rede municipal de educação que tem como princípio a inclusão nos processos educativos, escolhemos aprofundar nossos estudos sobre o atletismo paralímpico, mais especificamente acerca das provas de corrida.

Pensamos a inclusão escolar a partir da responsabilidade de proporcionar, disparar experiências, práticas e estudos que colaborem com o tensionamento de fronteiras de conhecimento, tendo em vista a ampliação da compreensão e leitura de mundo em que os diferentes sujeitos são valorizados. Sentir, dizer, problematizar o nosso lugar no mundo e conhecer outros mundos que coexistem, ainda que em

posições desiguais de reconhecimento, legitimidade e condições de enunciação são preceitos inclusivos.

Para afirmar esse compromisso com uma educação inclusiva, foram propostos estudos que tiveram como objetivos e situações didáticas: conhecer o que são as parolimpíadas; conhecer sobre a vida de atletas parolímpicos; compreender as provas de corrida próprias do atletismo parolímpico; reconhecer aspectos de sua vida cotidiana que se aproximam das práticas de corrida; problematizar sobre o desafio de atletas parolímpicos com deficiência visual; experienciar aspectos do cotidiano com olhos fechados; ampliar os conhecimentos sobre atletas-guia e atletas com deficiência visual; vivenciar a ação como guia de uma pessoa que não vê; vivenciar uma ação com olhos vendados sendo guiada ou guiado por outra pessoa; reconhecer as possibilidades de preparação e treinamento de corrida; elaborar uma ideia de preparação para a corrida para realizar na escola; elaborar e vivenciar uma ideia de aula para preparação para a corrida com obstáculos ou barreiras, velocidade e resistência; entrevista com o treinador da equipe de atletismo olímpico Evandro Lázari e com a atleta olímpica da corrida de 400m - Tiffani Marinho, além da oportunidade de narrarem as próprias experiências, oportunidade em puderam refletir sobre o modo como atuavam diante desses aspectos e como se narram agora.

A inclusão no campo educacional oferece chaves de compreensão e argumentação a partir de princípios que reconhecem a legitimidade da singularidade da condição humana. Problematizar modos de dizer, pensar e agir que, a partir de uma exterioridade, categorizam e dizem sobre o outro, subalternizando, desqualificando, despotencializando as culturas e a singularidade humana, violando direitos constitucionais, torna-se uma responsabilidade. Uma escola pública, laica e com qualidade socialmente referenciada demanda presença, diálogo e horizontalidade entre diferentes vozes e modos de viver, de nomear, de produzir conhecimento. Não sendo assim, como as diferentes pessoas, oriunda de

diferentes experiências culturais irão se sentir acolhidas, aceitas, enfim pertencentes?

O desconhecimento favorece o preconceito, a discriminação, a subalternidade, o sexismo e o racismo. O sentimento de pertencimento tem o potencial de ampliar a responsabilidade para com o mundo, assim como conferir legitimidade de estar no mundo, sobretudo àqueles e àquelas historicamente violentados em seus direitos constitucionais.

FINALIZANDO O PROCESSO

Para concluir o ano com estudantes e comunidade, a escola organizou uma Mostra Cultural Virtual de trabalhos. Assim, organizamos os registros dos estudos rememorando as propostas estudadas: danças urbanas, samba, desafio de atletas e pictogramas olímpicos e paralímpicos. Esses registros estão disponíveis nos links:

<p style="text-align: center;">DANÇAS URBANAS PARA UMA VIDA SAUDÁVEL</p> <p style="text-align: center;">4º ANOS EDUCAÇÃO FÍSICA PRÓ JAQUE EMEFI PADRE FRANCISCO SILVA - 2021</p>	<p>https://youtu.be/WP4HaU05tIA</p>
<p style="text-align: center;">SAMBA</p> <p style="text-align: center;">4º ANOS EDUCAÇÃO FÍSICA PRÓ JAQUE EMEFI PADRE FRANCISCO SILVA - 2021</p>	<p>https://youtu.be/3hD5jAwGu5o</p>
<p style="text-align: center;">PICTOGRAMAS DOS JOGOS OLÍMPICOS</p> <p style="text-align: center;">PROFA. JAQUELINE EDUCAÇÃO FÍSICA EMEFI PADRE FRANCISCO SILVA 2021</p>	<p>https://youtu.be/AY3F3GRcMNA</p>
<p style="text-align: center;">AS PROVAS DE CORRIDA NO ATLETISMO OLÍMPICO E PARALÍMPICO</p> <p style="text-align: center;">4º ANOS EDUCAÇÃO FÍSICA PRÓ JAQUE EMEFI PADRE FRANCISCO SILVA - 2021</p>	<p>https://youtu.be/txmvemLNBPE</p>
<p style="text-align: center;">MENSAGEM PARA TIFFANI MARINHO</p>	<p>https://youtu.be/kAP8VJ2ODCc</p>
<p style="text-align: center;">MENSAGEM PARA EVANDRO LÁZARI</p>	<p>https://youtu.be/STNVkHqjTRE</p>

POR ENQUANTO

Desde os anos 1990, a escola e a formação de professores ficaram diante de ataques de muitos segmentos sociais; desde os anos 2000, várias políticas públicas foram formuladas por grupos com interesses diversos para enfrentar o quadro anterior; desde a metade da década passada, novos ataques foram edificados, reavivando um passado que tínhamos como superado. Esse cenário poderia criar um quadro desanimador para aqueles que lutam por condições sociais dignas, principalmente, para aqueles que frequentam a escola básica. Por mais estarrecedor que possa ser o momento histórico deste país, o Pibid tem sido um ponto de resistência a essas ações. Mais do que isso! Ele tem sido a possibilidade da mudança.

As ações formativas empreendidas pelo coordenador e pela supervisora, as atividades dos bolsistas junto à comunidade educativa e, principalmente, as dos bolsistas junto aos alunos, denotam que um trabalho comprometido, colaborativo e atento às forças que o atravessam é mais do que um ritual de iniciação na profissão docente, no conhecimento profissional, teórico e metodológico que a caracteriza. Podemos dizer que o realizado se tratou de uma produção de potência, tendo em vista o cuidado para que os momentos vividos no Pibid não se consolidassem como forma de assujeitamento à função docente determinada por qualquer ordem político-discursiva consolidada hegemônica ou não.

A experiência com alguns encaminhamentos didático-metodológico do CC permitiu aos docentes e bolsistas compreenderem quais eram as vivências e impressões discentes sobre os temas estudados. Nesse contexto, viabilizou-se a construção das aulas de modo a associar os conhecimentos dos alunos com os apresentados pela EF, sem negá-los, tampouco tomá-los como diagnósticos, prévios, sincréticos ou ingênuos, mas como saberes construídos culturalmente e que conferem sentido à existência de cada um deles. Saberes que são fonte de estudos e também de problematizações, proporcionando a vivência dos bolsistas

do Pibid sobre como elaborar um plano de aulas no qual o objeto de estudo é escolhido a partir de elementos da cultura local e dos saberes dos alunos. Soma-se a isso, pensar em planejar ações articuladas ao Projeto Pedagógico da escola e às condições dadas para todos nós pela pandemia. Diante desses desafios, que eram imensos e múltiplos, o Pibid-Educação Física viu-se à frente da necessidade de criar respostas didáticas para uma nova forma de ensinar mediada pelas redes digitais. Há mais! Afinal, a Educação Física é tida historicamente como uma disciplina atrelada ao movimento, complicando ainda mais elaborar as ações.

Podemos afirmar com convicção: o que fizemos - coordenador, supervisora e bolsistas - em alguma medida, contribui para uma formação docente (coordenador, supervisora e bolsistas) mais engajada com a escola pública, com as crianças, com a comunidade educativa, pois não minimizamos esforços para superar as implicações vividas nesse período tão importante e desafiador para a humanidade.

Se tomarmos o Pibid como um ritual de entrada à docência escolar, podemos dizer que ele reverbera sentidos ao curso de Licenciatura, pois produz elementos que alimentam problematizações à formação docente no tocante à posição de sujeito docente requerida, seja pelo Estado auditor neoliberal ou pelo Estado provedor de bem-estar-social, seja pelas mudanças curriculares e processos avaliativos. O que se produziu, buscou fomentar uma posição docente afeita à uma concepção de escola (básica e superior) como espaço de combate ao mesmo e às todas as formas de dominação; a escola enquanto espaço de valorização daqueles que escapam do modelo padrão e ao controle; a escola como espaço de produção de potência, de formas singulares de vida.

REFERÊNCIAS

BRACHT, Valter. **Educação Física e Ciências**: cenas de um casamento infeliz. Ijuí: Unijuí, 1999.

CETIC - Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br) Pesquisa sobre o Uso das Tecnologias de Informação e Comunicação nos Domicílios Brasileiros –TIC Domicílios 2019.

HALL, Stuart. A questão multicultural. In: HALL, Stuart. **Da Diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, Brasília: Representações da Unesco no Brasil, 2003.

MASSCHELEIN, Jan; SIMONS, Maarten. **Em defesa da escola**: uma questão pública. Belo Horizonte: Autêntica: 2013.

NEIRA, Marcos Garcia; NUNES, Mário Luiz Ferrari. **Pedagogia da Cultura Corporal**: críticas e alternativas. São Paulo: Phorte, 2006.

NEIRA, Marcos Garcia; NUNES, Mário Luiz Ferrari. **Educação Física, Currículo e Cultura**. São Paulo: Phorte, 2009.

NIETZSCHE, Friedrich. W. **A Gaia Ciência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012